

## O ensino das Humanidades como literacia para uma justiça económica e social

Rosário Couto Costa \*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-7505-4455>

### RESUMO

A nível geral e global, as humanidades na Universidade têm sido desvalorizadas nas décadas mais recentes (tendência 1). Um dos efeitos dessa desvalorização tem sido a menor presença das humanidades na sociedade, em particular no mercado de trabalho. A par desta tendência ocorreu uma série de transformações, entre as quais a intensificação das desigualdades sociais (tendência 2). Da coexistência destas duas tendências, ambas resultantes da influência neoliberal nas políticas públicas, surge a questão de saber em que medida a primeira é um dos fatores que foi facilitando a segunda. Neste artigo explicita-se como se foi concretizando um menor investimento nas humanidades em contexto académico e os respetivos fatores condicionantes. Seguem-se as razões pelas quais fragilizar o ensino nestes domínios do conhecimento condiciona negativamente uma justiça económica e social. Dito de outra forma, salientam-se as especificidades ganhas com uma formação em humanidades, se aberta às várias correntes de pensamento e independentemente das disciplinas estudadas. Por contraste, intui-se o vazio que se vai instalando na sociedade enquanto o seu ensino vai definhando. Este vazio não é somente uma ausência de conhecimento. É também a fragilização, na esfera coletiva, de determinadas capacidades reflexivas e atitudes, determinantes para o desenvolvimento de uma sociedade que se idealiza inclusiva, protetora da natureza e pacífica.

### PALAVRAS-CHAVE

Ensino das Humanidades; Universidade; Desigualdades sociais; Influência neoliberal; Literacia.

### ABSTRACT

On a general and global level, the humanities at universities have been devalued in recent decades (trend 1). One of the effects of this devaluation has been the lower presence of the humanities in society, particularly in the labour market. Alongside this trend a series of transformations have occurred, including the intensification of social inequalities (trend 2). The coexistence of these two trends, both resulting from the neoliberal influence on public policy, raises the question of to what extent the former is one of the factors that has facilitated the latter. This paper explains how less investment in the humanities was made in an academic context and the respective conditioning factors. The reasons why weakening education in these fields of knowledge has a negative impact on economic and social justice are then discussed. In other words, the specificities gained from an education in the humanities, if open to the various currents of thought and regardless of the disciplines studied, are highlighted. By contrast, one senses the void that is being installed in society while its teaching is waning. This void is not only an absence of knowledge. It is

---

\* Investigadora independente, doutora em Sociologia (2016), pelo Instituto Universitário de Lisboa; Mestre em Economia e Gestão de Ciência e Tecnologia (1997), pela Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Economia e Gestão; Pós-graduada em Ciências Documentais, opção Documentação e Biblioteca (1990), pela Universidade de Lisboa e Licenciada em Filosofia (1987), pela Universidade NOVA de Lisboa. E-mail: rosario.c.costa@gmail.com

also the weakening, in the collective sphere, of certain reflective capacities and attitudes, which are crucial for the development of a society that is supposed to be inclusive, protective of nature and peaceful. As a final note, reference is made to the Lisbon Declaration (2021), the approval of which consents to the expectation that more favourable times for humanities education will soon become a reality. Also indicated in the paper are the guidelines for continuing the research.

## KEYWORDS

Humanities Teaching; University; Social differences; Neoliberal influence; literacy.

### **Dyondzo ya vumunhu tanihi vutivi bya ku hlaya na ku tsala eka vululami bya ikhonomi na ntshamiseko**

## NKOMISO

Eka xiyimo xo angarhela na xa misava hinkwayo, vutivi bya vanhu eYunivhesiti byi hungutiwile eka makume ya malembe ya sweswinyana (trend 1). Yin'wana ya mimbuyelo ya ku hunguteka loku ka nkoka ku vile vukona bya le hansi bya vutivi bya vanhu eka vaaki, ngopfungopfu eka makete wa vatirhi. Etlhelo ka ntshamiseko lowu, nxaxamelo wa ku cinca wu humelerile, ku katsa na ku tiyisisiwa ka ku nga ringani ka ntshamiseko (ntshamiseko wa 2). Ku suka eka ku hanya swin'we ka mikhuva leyi yimbirhi, leyi havumbirhi bya yona yi humaka eka nkucetelo wa neoliberal eka tipholisi ta mfumo, xivutiso xi tlakuka xa ku tiva leswaku xo sungula i xin'wana xa swilo leswi oloviseke xa vumbirhi ku fikela kwihhi. Xihloko lexi xi hlamusela hilaha vuvekisi byintsongo eka vutivi bya vanhu byi fikeleleriweke hakona eka xiyimo xa dyondzo na swilo leswi faneleke swa xiyimo. Hi leswi swivangelo leswi endlaka leswaku ku tsana ka dyondzo eka tindhawu leti ta vutivi swi veka swiyimo swo biha eka vululami bya ikhonomi na ntshamiseko. Hi marito man'wana, swihlawulekisi leswi kumiweke eka ndzetelo wa vutivi bya vanhu swi humelela, loko swi pfulekile eka maendlelo yo hambana ya miehleketo naswona ku nga langutiwi tidyondzo leti dyondziwaka. Ku hambana ni sweswo, munhu u vona vuhava lebyi tshamaka evanhwini kasi dyondzo ya byona yi ri karhi yi tlanga hi nkarhi. Ku pfumala nchumu loku a hi ku pfumaleka ka vutivi ntsena. Nakambe i ku tsana, eka xiyenge xa nhlengeletano, ka vuswikoti byo karhi byo anakanyisisa na mavonelo, swilo leswi lawulaka nhluvukiso wa rixaka leri tivonakala tanihi leri katsaka hinkwavo, leri sirhelelaka ntumbuluko na ku rhula.

## 1. Introdução

A aposta no ensino das humanidades é uma das possíveis respostas à questão subjacente a esta conferência: que literacia(s) para uma justiça económica e social? Esta perspectiva tem por base um estudo sobre a desvalorização das humanidades na universidade, finalizado em 2016, ao qual se regressa pela pertinência do contributo que pode trazer a esta reflexão (Costa, 2016). Apresenta-se uma breve síntese de algumas ideias da investigação referida, acrescida de novas nuances.

Como ponto de partida da argumentação, assume-se a coexistência de duas tendências. A primeira, o facto de as humanidades académicas terem sido desvalorizadas nas décadas mais recentes a nível geral e global, sendo um dos efeitos dessa desvalorização a menor presença das humanidades na sociedade, em particular no

mercado de trabalho. A par desta tendência, ocorreu, entretanto, uma série de transformações, entre as quais a mais recente intensificação das desigualdades sociais, após décadas de esforço posto em contrariá-las, a qual constitui a segunda tendência. Da coexistência destas duas dinâmicas, surge a questão de saber em que medida a primeira referida é um dos fatores que foi facilitando a segunda. Aprofundar esta questão é fundamental para se perceber em que medida mais educação e investigação em Humanidades pode significar mais justiça económica e social.

## **2.A síndrome da desvalorização das humanidades (Tendência 1)**

No que diz respeito à primeira tendência, a desvalorização das humanidades que começou a acontecer desde o início da década de 80 do século XX, sucessivamente em vários países, apresenta-se um conjunto de sintomas: a redução do peso relativo do número dos graduados nestes domínios do conhecimento e, nalguns casos, uma diminuição mesmo em termos absolutos; a redução dos respectivos financiamentos, quer no que diz respeito ao ensino quer à investigação; a redução na Universidade do espaço dedicado a estas disciplinas, pela eliminação de cursos e mesmo de departamentos; a consequente desvalorização dos recursos humanos a elas afetos (pela diminuição de lugares, salários mais baixos, sobrecarga nos horários); a diminuição de recursos específicos nas bibliotecas e similares; a aplicação de formas de avaliação da atividade científica desajustadas às especificidades das humanidades; a fragilização de alguns dos seus ramos de conhecimento que, por atingirem dimensões residuais, têm sido colocados em risco de desaparecerem.

## **3.As causas da desvalorização das humanidades**

Seguidamente, são identificadas algumas razões que diretamente foram limitando a valorização das humanidades em contexto académico: uma incompreensão da utilidade das humanidades, percecionada quer na sociedade em geral quer nos governantes; a dificuldade que os académicos das humanidades têm em convencer terceiros sobre a relevância destas; assim, quando em competição de recursos face a outras áreas, as humanidades são preteridas; como resultado, foi-se gerando uma crescente marginalização das humanidades nas instituições de ensino superior.

Com o objetivo de perceber que ideia de universidade acompanhou este processo, foram analisadas recomendações políticas para o ensino superior feitas no âmbito de

organizações internacionais, por volta do ano 2000, que terão intensificado o que até aí já vinha a acontecer.

#### **4.A ideia de universidade que facilitou a desvalorização das humanidades**

Num documento da OECD (2001) sobre o paradigma da Nova Economia, as recomendações políticas expressas espelhavam uma preocupação pelo desenvolvimento do ensino superior de cariz essencialmente económico, de acordo com a natureza da missão desta organização. O sucesso da então designada “nova economia”, onde se assistia a um pronunciado aumento do investimento nas tecnologias de informação e comunicação (TIC), requeria indivíduos com a qualificação necessária tanto para trabalharem com essas novas tecnologias como para estarem aptos a dar resposta aos novos desafios organizacionais que com elas emergiam. Por isso, promoviam-se essas áreas, gestão e TIC, nomeadamente no âmbito da formação superior e da investigação, e estreitou-se a ligação entre o ensino superior e o mercado de trabalho.

Em suma, a desvalorização das humanidades foi-se tornando realidade, mesmo que de forma indireta e não assumida: a prioridade foi sendo atribuída ao conhecimento mais valorizado pelos mercados, em nome da eficiência do investimento público, sendo as outras formas de conhecimento descuradas.

Mesmo antes de 2001, teoria e prática já estavam orientadas nessa direção, como se atesta através de duas comunicações apresentadas em *The World Conference on Higher Education in the Twenty-First Century*, realizada em Paris em 1998.

Numa delas, Gibbons (1998), conselheiro do Banco Mundial, constata a emergência de um novo paradigma da Universidade e teoriza essa transformação. A principal missão da Universidade passa a ser o serviço à economia, designadamente através da preparação dos recursos humanos e da produção do conhecimento de que essa economia necessita. As outras funções são secundarizadas. Uma nova cultura de gestão organizacional será imposta nesta instituição: uma nova maneira de considerar a responsabilidade de prestar contas, de pendor essencialmente contabilístico; a disseminação de uma nova forma de gestão de forte carácter ideológico; e uma nova maneira de pensar o uso dos recursos, com a máxima eficiência e eficácia possíveis.

Na outra comunicação, Johnstone (1998) elucida de que forma o Banco Mundial implementou a sua agenda política para reformar a Universidade, durante a década de 1990 e em vários países. A opção política de diminuir o investimento público alterou o financiamento e a gestão da Universidade. Em troca, orientou-se este sector para o

mercado, sendo aí expressamente referido que esta mudança de rumo se fundamentava em princípios neoliberais (grosso modo: a abolição de qualquer fronteira entre a economia e a sociedade, sendo toda a sociedade regulada pelo mercado; apagamento das ideias de bem público, de justiça social e de solidariedade, tendo os governos a obrigação de conterem a sua ação social).

Como resultado destas influências políticas e ideológicas, a instituição universitária foi-se transformando tal como é descrito no relatório *Trends in Global Higher Education*, publicado com a chancela da UNESCO (Altabach, 2009). As alterações que ocorreram na Universidade, sobretudo a partir de 1998, foram as seguintes: restrição do investimento público; imposição de austeridade; imperativo de se gerarem mais receitas mesmo sobrecarregando as famílias; visão empresarial da Universidade; ensino superior cada vez mais visto como um bem privado; comercialização do conhecimento; emergência de um mercado universitário; crescente privatização do sector; preocupação da qualidade de todas as instituições substituída pela procura de excelência de algumas; competição entre instituições; introdução de rankings e hierarquização das instituições universitárias; aumento da desigualdade de oportunidades de acesso a um ensino de qualidade; e uma globalização do sector que fragiliza ainda mais os países mais pobres.

## **5.O agravamento das desigualdades sociais (Tendência 2)**

A desvalorização das humanidades (Tendência 1) não foi, certamente, a consequência mais grave e direta da influência do neoliberalismo. Essa foi a intensificação das desigualdades sociais, o consequente agravamento da pobreza e do fosso entre ricos e pobres, tendências facilitadas pelo desinvestimento geral nos mecanismos de redistribuição da riqueza (Tendência 2).

A desigualdade de rendimentos agravou-se a partir do fim da década de 1970 - princípios da década seguinte, no Reino Unido e nos Estados Unidos da América. Nos últimos anos da década de oitenta, essa tendência já tinha contagiado outros países. Na primeira década de 2000, continuou a alastrar, mesmo para países onde tradicionalmente não existia um fosso tão grande entre pobres e ricos, como a Alemanha, a Dinamarca, a Suécia e ainda outros países nórdicos. No mesmo relatório onde é descrito este panorama, é referido que esse fosso tinha atingido o nível mais elevado dos últimos trinta anos (OECD, 2011).

Três anos mais tarde é publicado um outro relatório. Importa referi-lo dado que nele se descreve como, então, nos últimos vinte e cinco anos, as desigualdades sociais se

intensificaram, como já há muito não acontecia, levando a uma cada vez maior concentração da riqueza em poucos indivíduos, enquanto a situação de pobreza se agravava para muitos. Esta dinâmica é aí considerada um fenómeno mundial, sendo feita a advertência de que a ela se associam riscos sociais enormes, para além de se julgar que não é moralmente aceitável, decorrendo de uma grande injustiça social (Oxfam América, 2014).

Neste entretempo, a crise derivada da pandemia COVID-19 veio expor e acentuar ainda mais as desigualdades sociais (OCDE, 2021). Outras crises graves foram surgindo, espalhadas por todo o mundo, nomeadamente desastres climáticos e guerras, acrescentando dificuldades, que cada vez mais parecem intransponíveis, à mobilidade social. Nem o progresso tecnológico, considerado o motor do desenvolvimento económico, contribuiu positiva e visivelmente para um outro desfecho relativamente às desigualdades sociais.

Em convergência, Piketty afirma que desde 1980 o Estado social e o imposto progressivo enfraqueceram, sendo estes instrumentos indispensáveis ao reforço da tendência para a igualdade. Neste âmbito, o autor considera o período 1980-2020 “complexo e contrastado”. Embora “o mundo do início dos anos 2020, por mais injusto que possa parecer, é mais igualitário do que o de 1950 ou o de 1900, que eram eles próprios, e sob múltiplos aspetos, mais igualitários do que os de 1850 ou 1780”, houve nas últimas quatro décadas retrocessos que abalaram consideravelmente o “movimento histórico para a igualdade” (Piketty, 2022: 13-14).

Para além deste impacto na sociedade em geral, a lógica da nova economia tem tido um impacto ambíguo no bem-estar dos indivíduos. Segundo Reich (2000), a nova economia tem muitas vantagens (a prosperidade, a inovação, novas opções e oportunidades) mas tem, como contrapeso, o desgaste das famílias, a fragmentação das comunidades e o desafio que é manter a integridade pessoal.

Contudo, convém salientar que a desvalorização das Humanidades se constituiu como um efeito singular do neoliberalismo. Nos diversos níveis de ensino, a formação em Humanidades reduziu-se a uma dimensão insignificante face às restantes formações, resultando daí uma vida em sociedade com défices de conhecimento, de cultura, de sensibilidade e de imaginação, dimensões necessárias tanto para o reconhecimento dos problemas reais e das formas de os superar, como necessárias para desconstruir os panfletos conformes ao pensamento e ao agir neoliberais. O ensino das humanidades



será capaz de gerar, de facto, mais do que conhecimento? Possibilitará também um saber pensar e um saber agir? Em que medida?

## **6. Benefícios de estudar humanidades: conhecimento, capacidades e atitudes**

Estudar filosofia, história, línguas e literatura, e outros ramos das humanidades, permite que cada aluno, cada cidadão, se enriqueça com um conhecimento diverso relativo a pensadores, povos, culturas, sociedades, línguas, eras, ideias, religiões, expressões artísticas, etc. No entanto, não se trata só de aquisição de conhecimento, conhecimento esse relativo ao património cultural da humanidade, útil em tantas circunstâncias. Uma aprendizagem desta natureza estimula o desenvolvimento de certas capacidades e atitudes (Costa, 2019), sobretudo se aberta a várias correntes de pensamento.

Concretizando, nestes processos de formação exploram-se e potenciam-se capacidades específicas tais como, por exemplo: a interpretação; o pensamento crítico; a habilidade analítica e sintética; a aptidão para a escrita; a facilidade de comunicação; a memória histórica; o talento para estabelecer conexões entre domínios; e a compreensão da diversidade de culturas e realidades. E, através destes diferentes exercícios cognitivos, um indivíduo pode mais facilmente manifestar determinadas atitudes no seu dia a dia, incluindo: empatia; questionar e refletir sobre o que o rodeia; ter consciência da ignorância, sua e alheia; ter uma mente aberta e uma visão mais global; reconhecer o outro e a diferença; relativizar o mérito individual; ter a sensibilidade para complementar a justiça com a solidariedade, etc.

Assim, pelo empobrecimento da influência educativa, cultural e social que resulta do seu acantonamento, a marginalização das Humanidades tem contribuído para a manutenção da hegemonia do neoliberalismo, independentemente da gravidade dos efeitos sociais que este acarreta: menos literacia humanística, menos justiça social e económica.

## **7. Tempo de novas dinâmicas**

Contrariar a tendência de desvalorização do ensino das humanidades – que ocorre em todos os níveis de aprendizagem, embora nesta abordagem o foco tenha sido o ensino superior – continua a ser, em 2021, um desafio difícil embora em vias de ganhar internacionalmente um novo fôlego político. Esta expectativa tem por base a apresentação e o debate de ideias proporcionado pela Conferência Europeia das

Humanidades, realizada em Portugal de 5 a 7 de maio. Nela se abordaram temas muito atuais, juntando académicos, das humanidades e de outras áreas do conhecimento, e decisores políticos, entre outros atores sociais. Ficou claro como os conhecimentos, as preocupações e as práticas resultantes do ensino e da investigação em humanidades, se marcados pelo pluralismo, podem contribuir para a criação de valores diversificados (culturais, sociais e económicos), potenciando comunidades mais inclusivas, solidárias e sustentáveis, mesmo na dimensão ambiental.

Desta abordagem emergiu uma vontade de expandir o ensino das humanidades, visto como fundamental para se enfrentarem as atuais encruzilhadas. Esta tornou-se um comprometimento político com a aprovação da *Lisbon Declaration on Humanities, Open Research and Innovation*<sup>1</sup>, disponível para ser assinada por indivíduos, instituições e governos, aberta a todos os países. De entre vários, destaca-se o objetivo partilhado de conseguir que em todos os níveis de educação, desde os primeiros anos até ao doutoramento, em todas as áreas do conhecimento, haja ocasião de estudar humanidades. Esta iniciativa, promovendo uma articulação entre humanidades e ciências, abre espaço a uma educação mais completa e rica do indivíduo, o que certamente influenciará positivamente, num futuro próximo, toda a sociedade. Esta é uma voz que expressa claramente o valor da literacia em humanidades e o seu contributo para mais justiça económica e social.

Em modo de conclusão, a rarefação do ensino das humanidades não significa somente uma ausência de conhecimento, ou seja, ignorância, o que já por si seria suficientemente negativo. Significa também a fragilização, na esfera pública, de determinadas capacidades reflexivas e atitudes, acima referidas, determinantes para o desenvolvimento de uma sociedade que se idealiza inclusiva, protetora da natureza e pacífica.

Para dar continuidade à investigação sobre as dinâmicas relativas ao ensino das humanidades, identifica-se como próximo objetivo analisar documentos orientadores, mais recentes, emanados por organizações internacionais e que possam influenciar o ensino superior, quer a nível global quer nacional. Se no primeiro estudo, este foco se situou em torno do ano 2000, numa nova etapa pretendem-se analisar políticas posteriores a 2020. Este esforço é uma forma de monitorizar o impacto das políticas na sociedade e os termos da sua evolução.

---

<sup>1</sup>Disponível em [http://www.cipsh.net/upload/userfiles/Lisbon%20Declaration\\_EHC\\_2021%20-%20Endorsements%20in%20June%201st%202021\(1\).pdf](http://www.cipsh.net/upload/userfiles/Lisbon%20Declaration_EHC_2021%20-%20Endorsements%20in%20June%201st%202021(1).pdf). Acesso em: 22 jan. 2021.



## Referências

Altabach, P. G., Reisberg, L., Rumbley L. E. (2009). *Trends in Global Higher Education: Tracking an Academic Revolution. A Report Prepared for the UNESCO 2009 World Conference on Higher Education*. Paris: UNESCO.

Costa, R. C. (2016). *A Desvalorização das Humanidades: Universidade, Transformações Sociais e Neoliberalismo*. Tese de doutoramento, ISCTE-IUL, Lisboa, Portugal.

Costa, R.C. (2019). The Place of the Humanities. In *Today's Knowledge Society*. *Palgrave Commun* 5, 38. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41599-019-0245-6>. Acesso em: 20 jun.2023.

Gibbons, Michael (1998). *Higher Education Relevance in the 21<sup>st</sup> Century*. Washington, D.C.: World Bank.

Johnstone, D. B., Arora, A. e Experton, W. (1998). *The financing and management of higher education. a status report on worldwide reforms*. Washington, D.C.: World Bank.

OECD (2001). *The new economy: beyond the hype. Final report on the OECD Growth Project*. Paris: OECD.

OECD (2011). *Divided we stand. why inequality keeps rising*. Paris: OECD.

OECD (2021). *Does inequality matter? How people perceive economic disparities and social mobility*. Paris: OECD.

Oxfam America (2014). *Annual Report*. Boston, MA: Oxfam América.

Piketty, T. (2022), *Uma breve história da igualdade*. Lisboa: Temas e Debates.

Reich, R. B. (2000), *O futuro do sucesso: trabalhar e viver na nova economia*. Lisboa: Terramar.

Recebido em: 01/05/2023

Aceito em: 17/06/2023

**Para citar este texto (ABNT):** COSTA, Rosário Couto. O ensino das Humanidades como literacia para uma justiça económica e social. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº2, p.134-142, jul./dez. 2023.

**Para citar este texto (APA):** Costa, Rosário Couto (jul./dez.2023). O ensino das Humanidades como literacia para uma justiça económica e social. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (2): 134-142.